

O PESCADOR DE PÉROLAS: DA IMPORTÂNCIA DE WALTER BENJAMIN PARA HANNAH ARENDT

THE PEARL FISHER: ON THE IMPORTANCE OF WALTER
BENJAMIN TO HANNAH ARENDT

ADRIANO CORREIA¹

Abstract: In this text, we analyze Hannah Arendt's personal and intellectual relationship with Walter Benjamin, highlighting their coexistence in exile and their mutual influence in dealing with tradition, Jewish assimilation, and the criticism of progress. Arendt sees Benjamin as a poetic and revolutionary thinker, whose attention to fragments and small things represents a form of resistance against authority and historical linearity. After Benjamin's suicide, Arendt preserved and published his works, facing resistance from the Institute for Social Research. He became a central interlocutor in Arendtian philosophy, especially in her critique of tradition, her attention to the singularity of events, and her independent critical thinking.

Keywords: Arendt, Benjamin, tradition, past, critical thinking.

Resumo: Analisamos neste texto as relações pessoais e intelectuais de Hannah Arendt com Walter Benjamin, destacando sua convivência no exílio e a influência mútua no tratamento da tradição, da assimilação judaica e da crítica ao progresso. Arendt vê em Benjamin um pensador poético e revolucionário, cuja atenção ao fragmento e às pequenas coisas representa resistência à autoridade e à linearidade histórica. Após seu suicídio, Arendt preservou e publicou suas obras, enfrentando resistência do Instituto de Pesquisa Social. Benjamin

Resumen: En este texto analizamos las relaciones personales e intelectuales de Hannah Arendt con Walter Benjamin, destacando su convivencia en el exilio y la influencia mutua en el tratamiento de la tradición, la asimilación judía y la crítica al progreso. Arendt ve en Benjamin un pensador poético y revolucionario, cuya atención al fragmento y a las pequeñas cosas representa una resistencia a la autoridad y a la linealidad histórica. Tras su suicidio, Arendt conservó y publicó sus obras, enfrentándose a la resistencia del Instituto de Investigación

¹ Professor titular de Filosofia da Universidade Federal de Goiás (Brasil). Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq/Brasil. E-mail: adriancorreia@ufg.br; ORCID: 0000-0001-6819-1681.

tornou-se interlocutor central da filosofia arendtiana, sobretudo na crítica à tradição, na atenção à singularidade dos acontecimentos e no pensamento crítico independente.

Palavras-chave: Arendt, Benjamin, tradição, passado, pensamento crítico.

Social. Benjamin se convirtió en interlocutor central de la filosofía arendtiana, sobre todo en la crítica a la tradición, en la atención a la singularidad de los acontecimientos y en el pensamiento crítico independiente.

Palabras clave: Arendt, Benjamin, tradición, pasado, pensamiento crítico.

Entendo bem o sotaque das águas. / Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes. / Prezo insetos mais que aviões. / Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis. / Tenho em mim esse atraso de nascença. / Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos. / Tenho abundância de ser feliz por isso. / Meu quintal é maior do que o mundo. / Sou um apanhador de desperdícios: Amo os restos como as boas moscas.

O Apanhador de Desperdícios, Manoel de Barros

1. Vidas judias

Hannah Arendt julgava ter conhecido Walter Benjamin em Paris, por volta de 1935, mas ele mesmo lembrava de tê-la encontrado ainda na Alemanha – antes da fuga de Arendt do nazismo, em 1933, portanto – algo que ela julgava possível, principalmente considerando que seu primeiro marido, Günther Anders, era primo de Benjamin.² Todavia, foi a partir de 1935 que passaram a se encontrar regularmente em Paris, para estudar, discutir, compartilhar notícias cada vez mais exasperantes dos tempos sombrios em que viviam e para jogar xadrez. Já em 1936 Arendt se reunia com várias pessoas na casa de Benjamin, junto a intelectuais formados no marxismo, o que fez com que ela se tornasse cada vez mais uma crítica do sionismo e uma entusiasta da política revolucionária, sem jamais ter se tornado uma marxista. Benjamin, por seu turno, discutia com ela numerosas questões relacionadas com o judaísmo, notadamente sobre a questão da assimilação, que tanto a inquietava.

² Carta de Hannah Arendt a Hans Paeschke (11/12/1967), em *Arendt und Benjamin* (Frankfurt: Suhrkamp, 2006), p. 184. Consultei frequentemente o ensaio introdutório dos organizadores deste volume, Detlev Schöttker e Erdmut Wizisla, intitulado “Hannah Arendt und Walter Benjamin: Konstellationen, Debatten, Vermittlungen” (Frankfurt: Suhrkamp, 2006). Pude recorrer também à tradução inédita desse livro realizada por Daiane Eccel e Ulisses Vaccari, a quem agradeço imensamente.

Em uma carta de 1938 para Arendt, Heinrich Blücher, então namorado e amigo em comum com Benjamin, que viria a tornar-se o segundo marido dela, informou que havia estado com Benjamin e que ele ao mesmo tempo teria manifestado simpatia pelas atividades de Blücher e seus amigos comunistas em Paris; teria dito ainda que estava «estudando para se tornar judeu» porque finalmente se havia dado conta de que era um deles.³ Talvez isto explique o profundo interesse de Benjamin pela biografia de Rahel Varnhagen, que Arendt havia começado a escrever antes de fugir da Alemanha e que só concluiu em 1938, adicionando os dois últimos capítulos, porque Blücher e Benjamin «não me deixavam em paz».⁴

Os títulos dos dois últimos capítulos são, precisamente, «Entre pária e *parvenu* – 1815-1819» e «Não se escapa do judaísmo – 1820-1833». Arendt escreveu o livro, conforme revela em carta a Jaspers, de 1952, do ponto de vista da crítica sionista da assimilação, que ela ainda então considerava justificada, mas ingênua quanto aos aspectos políticos do antisemitismo europeu, principalmente alemão. A despeito dessa ingenuidade, que tornara o livro estranho para ela na ocasião, Arendt observou retrospectivamente que ele continuava bastante familiar no que dizia respeito à experiência judaica, que ela disse ter adquirido «com muito esforço e dificuldade».⁵

Conhecida por seu brilhantismo intelectual e pela convivência com a sociedade culta de sua época, no salão que manteve em Berlim, Rahel Varnhagen (1771-1833) viveu atormentada por sua origem judaica e buscou encontrar vários expedientes que permitissem sua assimilação à sociedade a que passou a pertencer sem jamais deixar de se sentir uma intrusa. É nesse seu livro que Arendt contrasta fortemente as qualidades do pária – um tipo no qual «há uma extraordinária sensibilidade para injustiças; grande generosidade e ausência de preconceitos; e um respeito (de forma mais questionável, mas ainda assim comprovadamente presente) pelo ‘espírito’»⁶ – com as do assimilacionista *parvenu*, que quer conformar-se a qualquer custo e é incapaz de pensar politicamente.

Arendt julgava que Rahel Varnhagen era uma personagem decisiva para as angústias dos anos 1930 – e é difícil não ler essa biografia também como

³ Carta de Blücher a Arendt (22/10/1938), em Arendt & Blücher, *Within Four Walls* (New York: Harcourt, 1996), 44.

⁴ Carta de Arendt a Jaspers (07/09/1952), Arendt & Jaspers, *Hannah Arendt/Karl Jaspers Briefwechsel 1926-1969* (München: Piper, 1993), 233.

⁵ Carta de Arendt a Jaspers (07/09/1952), em Arendt & Jaspers, *Hannah Arendt/Karl Jaspers Briefwechsel 1926-1969*, 234.

⁶ Carta de Arendt a Jaspers (07/09/1952), em Arendt & Jaspers, *Hannah Arendt/Karl Jaspers Briefwechsel 1926-1969*, 236.

uma autobiografia⁷ – precisamente porque, mesmo buscando assimilar-se, ela se recusou a ser antisemita. Em uma sociedade totalmente hostil aos judeus «a assimilação só é possível aceitando-se também o antisemitismo»,⁸ conforme Arendt enfatizou em um dos capítulos que escreveu em 1938. Rahel «é ‘interessante’ porque, totalmente ingênua e inocente, ela se situa bem no meio entre o pária e o *parvenu*»,⁹ embora só tenha encontrado um lugar na história da humanidade europeia porque «havia permanecido judia e pária». ¹⁰

Assim que Arendt concluiu seu livro sobre Rahel, Walter Benjamin informou Gershom Scholem de que havia pedido a ela que lhe enviasse uma cópia, dizendo: «o livro causou uma grande impressão em mim. Ele nada com braçadas poderosas contra a corrente dos estudos judaicos edificantes e apologéticos». ¹¹ Scholem respondeu pouco tempo depois indicando que gostou muito do livro de Arendt, embora julgasse tê-lo lido com uma ênfase diferente da que ela empregou ao escrevê-lo, ênfase que ele não explicita, concordando em geral com ela que uma relação construída sobre uma fraude, como a relação dos judeus alemães com sua «germanidade», não poderia terminar sem infortúnio ¹².

Antes de escrever a Benjamin, Scholem já havia escrito a Arendt acerca do livro, mas as duas cartas enviadas se perderam. Em sua resposta a elas, Arendt observou que jamais pretendeu promover qualquer «santificação» de Rahel Varnhagen, mas que, apesar de todas as críticas à assimilação e ao seu fracasso ao mesmo tempo «necessário e salutar», esperava que os dois últimos capítulos operassem como uma espécie de reabilitação. Observou que os demais capítulos haviam sido escritos antes da ascensão de Hitler ao poder e, por isso, esperava que os últimos capítulos evitassem um juízo condenatório, especialmente naquele momento, em «que qualquer ignorante que aparece acha que pode desprezar os judeus assimilados»». ¹³ Arendt nutria a

⁷ Young-Bruehl, *Hannah Arendt: Por Amor ao Mundo* (Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997), 91.

⁸ Arendt, *Rahel Varnhagen: A Vida de uma Judia Alemã na Época do Romantismo* (Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994), 185.

⁹ Carta de Arendt a Jaspers (07/09/1952), em Arendt & Jaspers, *Hannah Arendt/Karl Jaspers Briefwechsel 1926-1969*, 236.

¹⁰ Arendt, *Rahel Varnhagen: A Vida de uma Judia Alemã na Época do Romantismo*, 187.

¹¹ Carta de Benjamin a Scholem (20/02/1939), Benjamin & Scholem, *The Correspondence of Walter Benjamin and Gershom Scholem – 1932-1940* (New York: Schocken Books, 1989), 244.

¹² Carta de Scholem a Benjamin (30/06/1939), Benjamin & Scholem, *The Correspondence of Walter Benjamin and Gershom Scholem – 1932-1940*, 254.

¹³ Carta de Arendt a Scholem (29/05/1939), Arendt & Scholem, *Der Briefwechsel* (Berlin: Suhrkamp, 2010), 7.

esperança de que o livro pudesse ser publicado e chegou a pedir a Scholem que intercedesse junto da Schocken Books nesse sentido, mas na carta que escreveu a Benjamin, mencionada acima, ele lamenta por não ver condições de o livro ser publicado.

Os anos de 1939 e de 1940 foram ainda mais sombrios para a comunidade de refugiados judeus na França, incluindo Arendt, Benjamin e o seu círculo. Ele foi detido no campo de Colombes em Setembro de 1939, assim que a França declarou guerra à Alemanha, tendo sido liberado com ajuda diplomática apenas dois meses depois. Blücher foi detido no mesmo campo no mesmo período e também liberado pelo empenho de pessoas do círculo de Arendt. Ela relatou em carta a Scholem que até ao início da guerra eles passavam férias juntos e que Benjamin se encontrava muito bem, mas que, com os bombardeamentos em Paris e a detenção no campo, ele ficou bastante desesperado, ainda que se tenha tranquilizado algum tempo depois. No início de 1940, a notícia do suicídio de um jovem conhecido do campo de Colombes teria exasperado Benjamin, que já estava apavorado com a possibilidade de uma segunda detenção, agora em um campo militar de trabalhos forçados, do qual havia inicialmente escapado devido a suas precárias condições de saúde. Livrou-se desta segunda detenção graças à intervenção de um amigo diplomata de quem havia traduzido uma obra.¹⁴

Após ser liberado da detenção, ele teria escrito suas *Teses sobre a Filosofia da História* – texto que, no caos de indefinição sobre seu destino, o teria angustiado por seu medo da opinião dos membros do Instituto de Pesquisa Social (notadamente Theodor W. Adorno e Max Horkheimer) em relação a suas novas e nada ortodoxas teorias. Arendt, na confusão da guerra, fugiu do campo de Gurs, onde havia sido detida em junho de 1940, chegou por acaso a Lourdes, onde estava Benjamin, e permaneceu com ele algumas semanas. Passavam os dias a jogar xadrez e a ler jornais. Ele teria mencionado a Arendt várias vezes nessa ocasião sua intenção de cometer suicídio¹⁵. Ela mesma revelou ao amigo Kurt Blumenfeld que havia ponderado seriamente para si mesma a questão do suicídio quando esteve internada no campo de Gurs, comparado por ela ao Hades, em uma carta a Günther Anders¹⁶. Quando dei-

¹⁴ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios* (São Paulo: Companhia das Letras, 2003), 146.

¹⁵ Carta de Arendt a Scholem (17/10/1941), em Arendt & Benjamin, *Arendt und Benjamin*, 153.

¹⁶ Carta de Arendt a Blumenfeld (06/08/1952), em Arendt & Blumenfeld, *Hannah Arendt/Kurt Blumenfeld – Correspondance (1933-1963)* (Paris: Desclée de Brouwer, 2012), 87. Cf. Carta de Arendt a Anders (04/08/1940), em Arendt & Anders, *Hannah Arendt/Günther Anders: Schreib doch mal hard facts über Dich – Briefe 1939 bis 1975* (München: C. H. Beck, 2016), 21.

xou Lourdes à procura de Blücher, preferiu não levar Benjamin consigo por considerar que ele estava no lugar mais seguro possível naquele momento, na medida do possível.

Arendt, Blücher e Benjamin se reencontraram em Marselha em Setembro de 1940, quando buscavam os vistos para os Estados Unidos, além do visto de saída da França e de trânsito para Espanha e Portugal. Benjamin não conseguiu o visto de saída, mas como possuía os demais, com o visto espanhol prestes a vencer e sem muita chance de conseguir outro, decidiu não esperar Arendt e Blücher conseguirem os seus. Resolveu juntar-se a um grupo que iria atravessar a fronteira espanhola por uma trilha conhecida. Além de escolherem o caminho mais longo, o que exauriu Benjamin, e por alguma razão destruírem seus documentos franceses de autorização de permanência, que permitiriam um eventual retorno, tiveram o azar de chegar à fronteira espanhola um dia após ela ter sido fechada.

O pequeno grupo de refugiados a que ele se juntara alcançou a cidade da fronteira, para ali saber que a Espanha fechara suas fronteiras naquele mesmo dia e que os oficiais não aceitavam vistos expedidos em Marselha. Supostamente os refugiados teriam de voltar à França no dia seguinte, pelo mesmo caminho. Durante a noite, Benjamin se matou, com o que os oficiais da fronteira, impressionados com o suicídio, permitiram que seus companheiros seguissem até Portugal. Poucas semanas depois suspendeu-se novamente o embargo dos vistos. Um dia antes, Benjamin teria passado sem nenhum problema; um dia depois, as pessoas em Marselha saberiam que, de momento, era impossível passar pela Espanha. Apenas naquele dia particular foi possível a catástrofe¹⁷.

Arendt utilizou a melancólica primeira parte do ensaio que dedicou a Benjamin para reflectir sobre a má sorte como fator predominante na vida do amigo, apanhado em uma «rede inextricável de mérito, grandes dons, falta de jeito e desventura»¹⁸. Para Arendt, o que Benjamin disse da falta de jeito de Marcel Proust para mudar as condições de sua vida se aplicava a ele mesmo. Sua inabilidade para conhecer o jogo das posições académicas na Alemanha e o fato de que tudo o que escreveu se demonstrasse *sui generis* teriam sido decisivos para a precariedade de sua subsistência. Sua falta de jeito com as dinâmicas da vida social e académica permitiria contar sua história de vida como sendo um «amontoado de escombros»¹⁹. Também o que ele disse de Kafka, sobre o carácter multifacetado do fracasso deste, se aplicaria a ele, inclusive o aspecto de «campo de ruínas e área de desastres»²⁰ da obra dele.

¹⁷ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 148.

¹⁸ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 138.

¹⁹ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 146.

²⁰ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 147.

Após as semanas com Benjamin em Lourdes, Arendt dirigiu-se a Montauban, para a casa de uma amiga na zona rural, na esperança de encontrar Blücher, o que acabou acontecendo por acaso em uma das várias vezes em que ela foi de bicicleta para a cidade à procura dele. De Montauban, Arendt e Blücher fizeram várias visitas a Marselha em busca de vistos para os EUA, conseguidos apenas no início de 1941, graças à intervenção de Günther Anders, que também a vinha auxiliando financeiramente. Reencontraram Benjamin em Marselha, mas só conseguiram fugir meses depois do suicídio dele, em Janeiro de 1941. Seguiram para Lisboa de trem e lá permaneceram por mais de três meses à espera do visto da mãe de Arendt e de um transporte para Nova York, de navio.

2. Dever de lealdade

Nos dias tumultuados de sua fuga, Arendt acabou perdendo todo o material do livro sobre Rahel Varnhagen, que foi recuperado dois anos depois graças ao exemplar que Gershom Scholem possuía²¹, mas levou consigo na sua exígia bagagem de refugiada a última versão do manuscrito de Benjamin das *Teses sobre a Filosofia da História*: «enquanto esperavam por seu navio em Lisboa, os Blücher leram as *Teses* em voz alta um para o outro e para os refugiados que se reuniam ao seu redor. Discutiram e debateram o significado da esperança messiânica dele momento-a-momento»²².

Poucos dias após chegar a Nova York, Arendt fez chegar a Adorno o manuscrito que Benjamin lhe confiou, conforme se comprometera a fazer. Ela manteve, entretanto, uma cópia consigo, claramente por suas profundas desconfianças com relação aos membros do Instituto. Logo após entregar o manuscrito, escreveu indignada a Blücher, após receber uma carta de Günther Anders, que acabou por se perder. Pela resposta de Arendt, Anders teria mencionado que não era certa a publicação das *Teses* pelo Instituto. Na carta a Blücher, ela diz-se «transtornada com a insolência» de Anders ter escrito algo nesse sentido:

[M]as esse é o menor dos problemas. Presumo que o grupo de bastardos tenha a mesma opinião e que simplesmente suprimirá o manuscrito. É um grande golpe de sorte, dadas as circunstâncias, que eu tenha o manuscrito. Afinal, fui obrigada a entregá-lo a eles, sabendo que Benji lhes enviara uma cópia que nunca chegou. Por favor, por favor, diga alguma coisa. Estou sozinha

²¹ Carta de Scholem a Arendt (06/02/1942), Arendt & Scholem, *Der Briefwechsel* (Berlín: Suhrkamp, 2010), 23.

²² Young-Bruehl, *Hannah Arendt: por amor ao mundo*, 91.

e terrivelmente desesperada e assustada porque eles não parecem dispostos a publicá-lo. E tão furiosa que poderia matar todos eles. Benji está pagando um preço alto por um pouco de sossego e segurança (...). Se ao menos pudessemos escrever para a Palestina, talvez Scholem pudesse publicá-lo adequadamente com Schocken – que, *nota bene*, está em Nova York. Mas eu teria de saber primeiro se os imbecis não vão aceitá-lo. E, bastardos que são, eles nunca me darão uma resposta direta. Eles vão continuar a nos enrolar. Certamente não poderemos dar lições de lealdade a um amigo falecido. Eles vão se vingar, da mesma forma que Benji basicamente se vingou ao escrever isso²³.

Arendt respondeu pouco tempo depois a Anders, chamando atenção também para a importância de publicar as *Teses* ao menos como «um dever de lealdade para com o amigo e colaborador falecido» e pedindo que ele a mantivesse informada sobre a decisão do «conselho dos sábios», já que «Wiesengrund [Adorno]» não julga que deva mantê-la a par do assunto²⁴. Ela reiterou o pedido ao saber, um mês depois, que o Instituto pretendia publicar um livro em memória de Benjamin, que incluiria as *Teses* e outros materiais do espólio²⁵. O exemplar de Arendt foi decisivo para a publicação das *Teses* no volume mimeografado intitulado *Walter Benjamin zum Gedächtnis (Em Memória de Walter Benjamin)*. Em meados de 1942 Arendt recebeu do Instituto «um livro comemorativo mimeografado, que nem sequer está encadernado, em memória de Benjamin», e escreveu a Scholem preocupada com o fato de apenas o texto das *Teses* ter sido publicado e diz a ele: «seria bom se você perguntasse insistentemente o que aconteceu com o restante do espólio e também mencionasse calmamente que, pelo que sabe, você tem cópias de tudo em seu poder»²⁶.

Ao longo dos anos 1940 Scholem foi um grande interlocutor de Arendt em sua tentativa de publicar os textos de Benjamin, principalmente no esforço por convencer e pressionar Salman Schocken, conhecido de ambos, a acolher o projeto. Em 1946, Arendt se tornou colaboradora da Editora Schocken e imediatamente apresentou um projeto de edição, convidando Scholem para escrever o ensaio introdutório. Adorno comunicou em carta a Arendt, de 1947, que soube do projeto, segundo ele a partir de várias fontes. Saudou a iniciativa, a recordou que Benjamin teria confiado a ele todo seu espólio literário e a informou que havia discutido com ele um plano de edi-

²³ Carta de Arendt a Blücher (04/08/1941), em Arendt & Blücher, *Within four walls*, 72.

²⁴ Carta de Arendt a Anders (07/08/1941), em Arendt & Anders, *Hannah Arendt/Günther Anders Schreib doch mal hard facts über Dich – Briefe 1939 bis 1975*, 46.

²⁵ Carta de Arendt a Anders (10/09/1941), em Arendt & Anders, *Hannah Arendt/Günther Anders Schreib doch mal hard facts über Dich – Briefe 1939 bis 1975*, 49.

²⁶ Carta de Arendt a Scholem (21/06/1942), Arendt & Scholem, *Der Briefwechsel*, 32.

ção de suas obras. Adorno concluiu dizendo que considerava um dever seu a execução desse projeto e, além disso, diz: «também não julgo ser presunçoso ao considerar-me mais qualificado para a tarefa do que qualquer outra pessoa – tanto por minha íntima familiaridade com o panorama intelectual de Benjamin quanto pela concordância central de nossas filosofias».²⁷ Arendt enviou uma cópia dessa carta a Scholem, que estranhou o tom de Adorno e julgou que se devia ao temor dele de que o próprio Scholem escrevesse o ensaio introdutório. Ele recomendou que Arendt mesma escrevesse a introdução e que só recorresse a Adorno se precisasse dele para ter acesso a algum manuscrito.²⁸ No início de 1948, Schocken desistiu de vez do projeto, que foi interrompido. Em 1950, o texto das *Teses* foi publicado na revista *Neue Rundschau*, junto a um ensaio de Adorno sobre Benjamin.

A desconfiança de Arendt em relação ao Instituto de Pesquisa Social, e principalmente em relação a Adorno, remontava aos últimos anos em que conviveu com Benjamin em Paris. Ela incluiu no «amontoado de desastres» na vida de Benjamin o que chamou de ameaça do Instituto de Pesquisa Social em Nova York: «antes do início da guerra, o Instituto lhe havia escrito informando que sua remuneração mensal não estava mais garantida e que ele deveria procurar outra fonte de renda».²⁹ Esta ameaça teria sido reiterada na carta em que Adorno recusou a primeira versão do estudo de Benjamin sobre Baudelaire – ao menos foi assim que ela interpretou a reação de Benjamin às críticas de Adorno³⁰.

Mesmo reconhecendo que foi pelos esforços do Instituto que Benjamin esteve entre os primeiros a receber o visto em Marselha, Arendt assinalou que o risco de perder sua única fonte regular de rendimento desempenhou um papel fundamental em sua indisposição para ir para os EUA, por sua insegurança sobre sua subsistência lá devido às críticas a seu trabalho. Ademais, «o Instituto não quis arcar com os custos da emigração aos Estados Unidos, então Benjamin considerou, entre outras coisas, conseguir o dinheiro necessário por meio da venda do *Angelus Novus*, de Paul Klee, um dos seus poucos bens», mas mesmo «essa quantia não teria sido suficiente para financiar a viagem, conforme consta em uma carta de 6 de agosto de 1939 ao

²⁷ Carta de Adorno a Arendt (01/03/1947), em Arendt & Benjamin, *Arendt und Benjamin*, 168.

²⁸ Carta de Arendt a Scholem (16/03/1947), Arendt & Scholem, *Der Briefwechsel*, 153.

²⁹ Carta de Arendt a Scholem (17/10/1941), em Arendt & Benjamin, *Arendt und Benjamin*, 152.

³⁰ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 146. A longa carta de Adorno é de 10 de Novembro de 1938 e a observação sobre a falta de mediação dialética no texto de Benjamin sobre Baudelaire pode ser lida em Benjamin, *Briefe – 1910-1938* (Frankfurt: Suhrkamp, 2004), 785.

mecenas e escritor Stephen Lackner, que não estava incluída na seleção das cartas publicada em 1966»,³¹ editada por Scholem e Adorno.

Arendt destacou que, para Adorno e Horkheimer, o pensamento de Benjamin era «não dialético» e não mobilizava mediações dialéticas. Ela associou a não publicação do ensaio sobre Baudelaire na revista do Instituto e mesmo a aparente relutância na publicação das *Teses* a esse juízo sobre a obra benjaminiana. Sobre as *Teses*, Adorno escreveu a Horkheimer em 1941 que julgava ingênuas as partes em que Benjamin tratava de marxismo e de política, mas defendeu que ainda assim deveriam publicar o manuscrito por, a despeito de seu evidente inacabamento, se tratar da última concepção de Benjamin. Além disso, sustentou que em nenhum outro trabalho Benjamin estaria tão próximo das intenções de ambos, principalmente no que diz respeito «à concepção da história como uma catástrofe permanente, à crítica ao progresso e ao domínio da natureza e à posição em relação à cultura».³² Adorno indicou ainda a Horkheimer ter ficado comovido com o trecho da Tese VII em que Benjamin afirma que «nunca há um documento de cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento de barbárie»,³³ algo que coincidiria com o que o próprio Adorno destacou em um ensaio sobre Oswald Spengler, de 1941, defendendo que «seria necessário reconhecer os elementos de barbárie na própria cultura»,³⁴ sem que um soubesse da formulação do outro.³⁵

Precisamente sobre a Tese VII, Arendt interpelou Adorno no início de 1967³⁶ acerca de modificações significativas que ela não reconhecia tendo em conta seu manuscrito. Ela o informou que estava preparando uma edição das obras de Benjamin em inglês e solicitou que ele datasse algum outro eventual manuscrito utilizado na edição das *Teses*. Adorno respondeu que havia uma série de exemplares das *Teses* e que as cópias datilografadas de que dispunham não podiam ser datadas. Ele sustentou que não interferiram no texto e que as discrepâncias se deviam a diferenças entre os documentos. Lista, então, cinco variações que sua esposa havia identificado no documento impresso em relação aos manuscritos de que dispunham, sendo que quatro delas consistiam na substituição de “dialética/dialético” por “materialismo/materialista” na versão impressa³⁷.

³¹ Detlev Schöttker e Erdmut Wizisla, “Hannah Arendt und Walter Benjamin: Konstellationen, Debatten, Vermittlungen”, 17-18.

³² Adorno & Horkheimer, *Briefwechsel – 1927-1969*, Band II: 1938-1944, 144.

³³ Löwy, *Walter Benjamin: Aviso de Incêndio* (São Paulo: Boitempo, 2005), 70.

³⁴ Adorno, *Prismen*, 80.

³⁵ Adorno & Horkheimer, *Briefwechsel – 1927-1969*, Band II: 1938-1944, 145.

³⁶ Carta de Arendt a Adorno (30/01/1967), em Arendt & Benjamin, *Arendt und Benjamin*, 175.

³⁷ Carta de Adorno a Arendt (03/02/1967), Arendt & Benjamin, em *Arendt und Benjamin*, 176.

O ensaio de Arendt sobre Benjamin foi publicado no contexto da polêmica em torno da edição das obras de Walter Benjamin, quando os membros do Instituto de Pesquisa Social, principalmente Adorno, foram acusados de interferir nas obras e de chantagearem Benjamin com o corte de sua bolsa no final dos anos 1930, para que ajustasse dialeticamente sua obra e mitigasse seu exótico marxismo. Arendt acabou entrando na polêmica ao divulgar essa suspeita que a acompanhava desde quando conviveu com Benjamin em Paris. Após romper com Arendt devido a divergências sobre *Eichmann em Jerusalém*, Scholem especulou que ela teria reproduzido infâmias comunistas sobre a chantagem, que seria uma mera invenção, embora ele mesmo reconhecesse que Horkheimer de fato informou Benjamin no início de 1939 sobre o encerramento provável de sua bolsa³⁸.

O editor da revista *Merkur*, onde ela publicou a primeira versão do texto, recomendou-lhe que se preparasse para o revide de Scholem e Adorno, ao que ela respondeu, ao enviar-lhe uma versão revisada do texto: «agora, vamos encarar com serenidade a tempestade que se aproxima!».³⁹ Arendt de fato indicou que tanto Scholem quanto Adorno julgavam que Brecht teria exercido uma influência desastrosa sobre Benjamin, e que Adorno teria afirmado que isso se devia a um temor em relação a Brecht que teria sido revelado a ele pelo próprio Benjamin. Arendt replicou: «é infelizmente muitíssimo provável que Benjamin o tenha feito por temer a Adorno. É verdade que Benjamin era muito tímido em seus contatos com pessoas que não conhecesse desde sua juventude, mas temia apenas as pessoas de quem dependia». ⁴⁰

Embora tenha dito em uma carta a Adorno, quando ainda estava elaborando o ensaio sobre Benjamin, que não esperava entrar em nenhuma controvérsia, seja de que lado fosse, na mesma carta informou que não tinha a mesma imagem de Benjamin que ele e que Scholem e Adorno poderiam não ficar satisfeitos com o que ela estava escrevendo⁴¹. O texto de Arendt, assim que publicado na revista *Merkur* (1968), amplificou a controvérsia sobre a edição das obras de Benjamin, incluindo as cartas, e também sobre o modo como foi tratado pelo Instituto de Pesquisa Social. Adorno publicou uma nota provisória em que anunciava pretender responder a Arendt e Helmut Heißenbüttel, que também havia publicado na mesma revista uma extensa resenha sobre a correspondência de Benjamin, editada em 1966 por Adorno

³⁸ Ver Detlev Schöttker e Erdmut Wizisla, “Hannah Arendt und Walter Benjamin: Konstellationen, Debatten, Vermittlungen”, 40-41.

³⁹ Carta de Arendt a Paeschke (11/12/1967), em Arendt & Benjamin, *Arendt und Benjamin*, 184.

⁴⁰ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 145 (nota 5).

⁴¹ Carta de Arendt a Adorno (17/03/1967), em Arendt & Benjamin, *Arendt und Benjamin*, 180.

e Scholem. Dentre outros aspectos críticos, Heißenbüttel apontou que, nas cartas, o ponto de vista de Adorno é imposto, incluindo supressões de trechos em que Benjamin tratava da precariedade de sua situação financeira.

Adorno não respondeu diretamente a Arendt, algo feito por Friedrich Pollock, que foi supervisor de administração do Instituto de Pesquisa Social, em 1968 (*Merkur*, ed. 6, nº 242). Ele sustentou que a disponibilidade e o valor da bolsa recebida por Benjamin não tinham qualquer relação com a posição teórica de Benjamin e sim com a disponibilidade de recursos do Instituto e defendeu que os esforços imensos de Adorno na edição das obras de Benjamin não deveriam ser suplantados pela controvérsia sobre «minúcias filológicas» (como supressões de trechos e o apagamento de Brecht)⁴². Arendt respondeu sustentando que Benjamin não tinha qualquer poder de decisão no Instituto e que, de fato, mencionando a recusa da publicação do ensaio sobre Baudelaire como exemplo, «desde o início, ficou claro que a bolsa do Instituto dependia da aceitação que os trabalhos de Benjamin encontrariam lá».⁴³ Não obstante, afirmou que foi o apoio financeiro do Instituto que lhe permitiu viver e que, com a deflagração da guerra, fizeram tudo o que estava ao seu alcance para salvá-lo.

3. Pensar poeticamente

Arendt concordava sobre Benjamin ter sido «provavelmente o marxista mais singular já produzido por esse movimento que, sabe Deus, teve seu quinhão completo de excentricidades»,⁴⁴ mas de modo algum concebia isto como limitação ou defeito. Para ela, para enfrentar a precariedade de sua situação financeira Benjamin «se dispôs, ou pensou que se dispôs, a fazer muitas coisas», inclusive a «pensar dialeticamente, com *todos os adornos das mediações*, por mil francos franceses, se não houvesse outra forma de fazer negócios com os marxistas».⁴⁵ Arendt destacou que Benjamin era fascinado com a doutrina da superestrutura em Marx, mas apenas como «um estímulo heurístico-metodológico»⁴⁶ para pensar como estreitamente vinculados o

⁴² “Zu dem Aufsatz von Hannah Arendt über Walter Benjamin”, em Arendt & Benjamin, *Arendt und Benjamin*, 191.

⁴³ Arendt, “Walcer Benjamin und das Institut für Sozialforschung – noch einmal”, em Arendt & Benjamin, *Arendt und Benjamin*, 194.

⁴⁴ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 141.

⁴⁵ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 155. Grifos meus. As palavras que a tradutora brasileira, precisa e espiritualmente, traduziu como «adornos das mediações» são *mediating trimmings*.

⁴⁶ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 141.

espírito e sua manifestação material, interessado que estava «na correlação entre uma cena de rua, uma especulação na Bolsa de Valores, um poema, um pensamento, com a linha oculta que as une e permite ao historiador ou ao filólogo reconhecer que devem ser todos situados no mesmo período».⁴⁷

Também são distantes do marxismo e do materialismo histórico, para Arendt, as figuras centrais do *flâneur* e do «anjo da história» da Tese IX. É «vagueando a esmo entre as multidões nas grandes cidades, num estudado contraste com a atividade apressada e intencional delas, que as coisas se revelam em seu sentido secreto». O *flâneur* encontra no «anjo da história» da Tese IX, que «não avança dialeticamente para o futuro, mas tem seu rosto ‘voltado para o passado’», «sua transfiguração final»; pois assim como o *flâneur*, ao «vaguear a esmo, volta suas costas à multidão mesmo quando é por ela impelido e varrido, da mesma forma o ‘anjo da história’, que não olha senão para o aumento das ruínas do passado, é empurrado de costas para o futuro pela tempestade do progresso».⁴⁸

Arendt sustentou, então, que a relação entre superestrutura e infraestrutura no marxismo se converteu em Benjamin em uma relação metafórica, «pois uma metáfora estabelece uma conexão que é sensorialmente percebida em sua imediaticidade e dispensa interpretações e «as metáforas são os meios pelos quais se realiza poeticamente a unicidade do mundo».⁴⁹ É por isto que Arendt defendeu que Benjamin, sendo antes de tudo um crítico literário, «pensava poeticamente, mas não era poeta nem filósofo».⁵⁰ Evitando deliberadamente «mediações», ele relacionava metaforicamente, de forma direta, «a superestrutura com a chamada infraestrutura ‘material’, que para ele significava a totalidade dos dados sensorialmente experimentados», de modo que o fascinava precisamente o «marxismo vulgar» e «não dialético» que o permitia pensar «a teoria da superestrutura como a doutrina final do pensamento metafórico».⁵¹

Por este «pensar poeticamente», Arendt permitiu-se associar Benjamin a Heidegger e dizer que, «sem perceber», Benjamin tinha mais em comum com ele «do que com as sutilezas dialéticas de seus amigos marxistas»,⁵² principalmente por ambos estarem atentos à dignidade dos fragmentos do passado não mais classificados e hierarquizados pela tradição. Para Arendt, ambos julgaram poder encontrar na linguagem o lampejo possível da verdade, na medida em que ela cristaliza em pérolas e corais as experiências

⁴⁷ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 142.

⁴⁸ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 142-143.

⁴⁹ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 144.

⁵⁰ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 135.

⁵¹ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 144.

⁵² Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 172.

originárias sobre as quais se deposita, secundariamente, a história de seu emprego comunicativo.

A abordagem básica de Benjamin consistia em «não investigar as funções utilitárias ou comunicativas das criações linguísticas, mas compreendê-las em sua forma cristalizada, e, portanto, finalmente fragmentária, como enunciações não intencionais e não comunicativas de uma ‘essência do mundo’». ⁵³ A verdade é aí pensada mais como uma manifestação acústica que visual: «‘não Platão, mas Adão’, que deu às coisas os seus nomes, era para ele o ‘pai da filosofia’. Portanto, a tradição era a forma como se transmitiam essas palavras nomeadoras; era também um fenômeno essencialmente acústico». ⁵⁴ Ainda em *A Vida do Espírito*, precisamente na seção em que tratou da relação entre a metáfora e o inefável, Arendt retomou a aproximação entre Benjamin e Heidegger no deslocamento da visão para a audição no acercamento do inefável em um contexto pós-tradicional. ⁵⁵

Esta aproximação de Benjamin com Heidegger foi e é incômoda, por algumas boas razões. Ela a apresentou publicamente pela primeira vez em uma conferência que proferiu em 1967 na Universidade de Freiburg, na presença do próprio Heidegger, que elogiou a palestra e parece ter ficado contente com a comparação. ⁵⁶ Provavelmente a reação de Benjamin seria distinta. Não se sabe se Arendt e Benjamin conversaram sobre Heidegger em sua convivência íntima em Paris, considerando que na ocasião Arendt havia rompido completamente com este último. No entanto, desde muito jovem, muito antes do envolvimento direto e duradouro de Heidegger com o nazismo, Benjamin confidenciou ao amigo Scholem que julgava a noção de tempo histórico e mesmo de tempo mecânico na conferência inaugural de Heidegger na Universidade de Freiburg em 1915 (*Das Problem der historischen Zeit*) um completo absurdo. ⁵⁷ Também afirmou em 1920 que se impressionava com Heidegger ter sido aprovado em sua tese de habilitação sobre Duns Scotus, que não passaria de um bom trabalho de tradução. ⁵⁸

Nos anos 1930, Benjamin reiterou que sua maneira de analisar a história era bastante diferente da de Heidegger e esboçou um confronto direto com *Ser e Tempo* e a noção de história da ontologia ali esboçada. ⁵⁹ Para Benjamin

⁵³ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 175.

⁵⁴ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 174.

⁵⁵ Arendt, *A Vida do Espírito*, p. 93.

⁵⁶ Carta de Heidegger a Arendt (10/08/1967), Arendt & Heidegger, *Arendt/Heidegger Letters – 1925-1975*, 129.

⁵⁷ Carta de Benjamin a Scholem (11/11/1916), Benjamin, *Briefe – 1910-1938*, 129.

⁵⁸ Carta de Benjamin a Scholem (01/12/1920), *Briefe – 1910-1938*, 235.

⁵⁹ Detlev Schöttker e Erdmut Wizisla, “Hannah Arendt und Walter Benjamin: Konstellationen, Debatten, Vermittlungen”, 28.

não havia, como julgava que era o caso em Heidegger, que salvar abstratamente a história por meio da noção de historicidade; tratava-se, antes, do conhecimento do presente. Na Tese VI, ele indicou precisamente que não se tratava de representar o passado como ele propriamente foi, como supunham os historicistas/positivistas, mas de capturar uma imagem dele a partir do perigo presente iminente para os que sempre vêm sendo vencidos. Isto se alcançaria lançando uma centelha de esperança que se apodera do passado, destacando-o do tempo homogêneo e o lançando significativamente no presente⁶⁰. Trata-se não de iluminar o passado com o presente ou vice versa, mas de conceber uma imagem unificada do passado com o agora.

O próprio Benjamin registrou que reconhecia o novo pensamento histórico de sua época – «caracterizado por uma maior concretude, pela salvação dos períodos de decadência e pela revisão da periodicidade» – como uma encruzilhada na qual estava por ser decidido seu emprego em sentido reacionário ou revolucionário: «neste sentido, o que se anuncia nos escritos dos surrealistas e no novo livro de Heidegger [*Ser e Tempo*] é a mesma crise, com suas duas possibilidades de solução».⁶¹ É Arendt mesma quem indica que para Benjamin não havia qualquer dúvida sobre para onde seguir nessa encruzilhada. Ela citou uma carta de Benjamin a Hugo von Hofmannsthal, de 1927, na qual ele disse se sentir totalmente isolado na Alemanha e mais em casa na França, mencionando explicitamente o movimento surrealista como uma das razões para isto.⁶² Em todo o caso, quando Arendt aproximou Benjamin e Heidegger ela tinha em mente muito mais o quanto eles estavam cientes da ruptura do fio da tradição e o quanto, cada um em seu modo de «pensar poeticamente», foram capazes de criativamente encontrar formas de pensar o passado esfacelado e, assim, reunir os fragmentos do passado em uma nova articulação significativa.

Para Schöttker e Wizisla, na introdução ao volume de cartas e documentos *Arendt und Benjamin*, Benjamin conscientemente se opõe a Arendt e Heidegger ao enfatizar o conhecimento do presente e as lutas nele travadas. Penso, todavia, como eles próprios suspeitam, que em sua obra Arendt esteve muito mais próxima de Benjamin do que estas considerações podem fazer supor.⁶³ Gershom Scholem informou em seu livro sobre sua amizade com Benjamin que, já nos anos 1930, para Arendt «Benjamin parecia representar uma autoridade intelectual de peso – certamente uma raridade naquela

⁶⁰ Löwy, *Walter Benjamin: Aviso de Incêndio*, 65.

⁶¹ Benjamin, *Passagens* (Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial, 2009), 587.

⁶² Ver Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 151.

⁶³ Ver Detlev Schöttker e Erdmut Wizisla, “Hannah Arendt und Walter Benjamin: Konstellationen, Debatten, Vermittlungen” (Frankfurt: Suhrkamp, 2006), 29-31.

época».⁶⁴ Isto acabou não se reflectindo tão explicitamente em sua obra, ao menos não no que diz respeito à frequência com que citou Benjamin em seus textos. Sustento, a despeito disto, que a compreensão arendtiana da obra de Benjamin é decisiva para o modo como ela compreendia sua própria obra e sua relação com a filosofia.

Em *Origens do Totalitarismo* (1951), Arendt citou a Tese IX, em que Benjamin associou progresso e catástrofe, precisamente para criticar a «ideologia progressista» do século XIX. Esta ideologia, distintamente da noção de progresso que culminou na Revolução Francesa, não visava a emancipação humana, mas estava vinculada à «infindável evolução da sociedade burguesa, que não apenas não desejava a liberdade e autonomia do homem, mas estava pronta a sacrificar tudo e todos a leis históricas supostamente supra-humanas».⁶⁵ Tal ideologia, que prenunciou o imperialismo, estava decisivamente ligada ao amontoado de ruínas promovido pelo progresso a que Benjamin se refere na Tese IX. Também na epígrafe com a frase de Jaspers («Não se deixar levar pelo passado nem pelo futuro. O importante é estar totalmente presente») poderia ressoar o diapasão de Benjamin, ao indicar que

o quadro autêntico pode ser antigo, mas o autêntico pensamento é novo. Pertence ao presente. É certo que o presente pode ser pobre e considerado o certo. Mas, como quer que seja, é preciso agarrá-lo firmemente pelos chifres, para poder consultar o passado. É o touro cujo sangue deve preencher o poço para que as sombras dos mortos possam aparecer à sua borda⁶⁶.

É no breve prefácio original do livro, todavia, que Benjamin surge de modo mais decisivo. Arendt observou que a experiência de duas guerras mundiais em uma mesma geração solapou qualquer esperança de «restauração da antiga ordem do mundo com todas as suas tradições» e firmou a consciência de que «a estrutura essencial de toda a civilização atingiu o ponto de ruptura».⁶⁷ Ela ponderou que *Origens do Totalitarismo* foi escrito admitindo que as hipóteses de que o progresso ou decadência regem a história são artigos de fé. Também defendeu que a incontornável exigência de compreensão supõe não ceder às filosofias da história e encarar a realidade sem preconceitos, com atenção às próprias experiências. Por fim, conclui:

⁶⁴ Scholem, *Walter Benjamin: The Story of a Friendship* (Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 1981), 191.

⁶⁵ Arendt, *Origens do Totalitarismo*, 173.

⁶⁶ Citado em Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 171.

⁶⁷ Arendt, *Origens do Totalitarismo*, 11.

[J]á não podemos nos dar ao luxo de extrair aquilo que foi bom no passado e simplesmente chamá-lo de nossa herança, deixar de lado o mau e simplesmente considerá-lo um peso morto, que o tempo, por si mesmo, relegará ao esquecimento. A corrente subterrânea da história ocidental veio à luz e usurpou a dignidade de nossa tradição. Essa é a realidade em que vivemos. E é por isso que todos os esforços de escapar do horror do presente, refugiando-se na nostalgia por um passado ainda eventualmente intacto ou no antecipado oblivio de um futuro melhor, são vão⁶⁸.

Em *A Condição Humana* (1958) Benjamin não é mencionado, mas a presença de sua obra ecoa em vários momentos, notadamente no capítulo V, quando Arendt trata da narração como forma de articulação dos acontecimentos que faz justiça a suas especificidades e à dignidade do particular. Em *Entre o Passado e o Futuro* (1961), o primeiro ensaio, «A Tradição e a Época Moderna», reverbera mais que qualquer outro de Arendt o diagnóstico benjaminiano da ruptura do fio da tradição e da necessidade de encontrarmos novas formas de lidar com o passado e de nos arriscarmos a julgar sem padrões pré-concebidos os «problemas e perplexidades novas com os quais nossa tradição de pensamento era incapaz de lidar».⁶⁹

Sem qualquer pretensão de recobrir as principais aproximações possíveis entre as obras de Arendt e de Benjamin, cabe destacar que, na obra *A Vida do Espírito*, publicada postumamente em 1978, Arendt retomou suas considerações sobre a história conectando-a ao tema do juízo. Em referência a Homero, ela afirmou que o historiador é também juiz ao indagar sobre o passado e presidir ao seu julgamento: «se assim for, poderemos reclamar para nós nossa dignidade humana, resgatá-la, por assim dizer, da pseudodivindade chamada História na Era Moderna, sem negar a importância da história, mas negando-lhe o direito de ser o último juiz».⁷⁰

4. O «apanhador de desperdícios»

Para Arendt, Benjamin levava a vida constantemente ameaçada, mas bastante livre, do *homme de lettres*. Conhecendo a análise que ela fez desse tipo de pessoas em *Sobre a Revolução*⁷¹ – «distantes tanto do Estado como

⁶⁸ Arendt, *Origens do Totalitarismo*, 13.

⁶⁹ Arendt, *Entre o Passado e o Futuro* (São Paulo: Perspectiva, 2016), 54.

⁷⁰ Arendt, *A Vida do Espírito* (Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992), 163. Aproximações adicionais entre as obras de Arendt e Benjamin podem ser encontradas, dentre outros belos textos, no artigo «Hannah Arendt e Walter Benjamin: Eros da Amizade e Afinidades Eletivas em Tempos Sombrios», de Maria Francisca Pinheiro Coelho.

⁷¹ Ver Arendt, *Sobre a Revolução* (São Paulo: Companhia das Letras, 2011), 166ss.

da sociedade»⁷², em contraste com os intelectuais sempre dispostos a prestar serviços tanto à sociedade quanto ao Estado –, não há como não conceber tal associação como um profundo elogio. No século XVIII, esses *hommes de lettres*, a partir de circunstâncias muito específicas, converteram-se em revolucionários, e também «em Benjamin o elemento da cultura se combinou de modo único com o elemento do revolucionário e rebelde».⁷³

«A maravilha da aparência» esteve sempre, para Arendt, no centro das preocupações de Benjamin, e isto se traduzia em sua «paixão pelas coisas pequenas, até minúsculas», a ponto de «a dimensão de um objeto [ser] inversamente proporcional à sua significação», de modo que «quanto menor fosse o objeto, tanto mais provável pareceria poder conter tudo sob a mais concentrada forma».⁷⁴ Isto se reflectiria em seu estilo, a ponto de julgar que a própria forma ensaio seria demasiado extensa («se não fosse pago por linha, teria preferido o aforismo»⁷⁵). Também convergia com sua consciência límpida de que as citações, enquanto fragmentos de pensamento, eram uma forma de enfrentar o desespero do presente, pois sabia que não há «modo mais eficaz de romper a magia da tradição do que recortando o ‘rico e estranho’, coral e pérolas, daquilo que fora transmitido numa única peça maciça».⁷⁶

[A] ruptura da tradição e a perda de autoridade que ocorriam durante sua vida eram irreparáveis e concluiu que teria de descobrir novas formas de tratar o passado. Nisso tornou-se mestre ao descobrir que a transmissibilidade do passado fora substituída pela sua citabilidade e que, no lugar de sua autoridade, surgira um estranho poder de se assentar aos poucos no presente e de privá-lo da «paz mental», a paz descuidada da complacência.⁷⁷

Benjamin teria isto em consideração ao examinar a paixão do colecionador, que era também a sua, ele que aspirava montar um livro apenas combinando citações – «definitivamente uma espécie de montagem surrealista».⁷⁸ O que é colecionado perde seu valor de uso para o diletantismo, e nesse sentido «Benjamin podia entender a paixão do colecionador como uma atitude semelhante à do revolucionário», uma vez que «o colecionar é a redenção das coisas que complementaria a redenção do ser humano».⁷⁹ A paixão do colecionador convergia em Benjamin com sua paixão pelas coisas pequenas,

⁷² Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 156.

⁷³ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 156.

⁷⁴ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 142.

⁷⁵ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 152.

⁷⁶ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 168.

⁷⁷ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 166.

⁷⁸ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 173.

⁷⁹ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 169.

minúsculas, inspirada pelo surrealismo. Ele tentava, como escreveu em uma carta, «capturar o retrato da história nas representações mais insignificantes da realidade – em suas raspas, por assim dizer».⁸⁰

Arendt descreveu Benjamin como um «pescador de pérolas» que sabia que, com o fim da tradição, precisaríamos encontrar novas formas de lidar com o passado. Com Benjamin ela aprendeu a importância da narração, do pensar sem corrimão, da ruptura definitiva da tradição, da singularidade dos eventos. Certos fenômenos são cristalizações, acontecimentos únicos cuja mera exibição pode ser «uma chance revolucionária na luta a favor do passado oprimido»⁸¹, na redenção das coisas pela explosão da homogeneidade do curso da história. Tanto Arendt quanto Scholem destacaram o entusiasmo de Benjamin com as pequenas coisas, com as insignificâncias, como um «apanhador de desperdícios» (Manoel de Barros) convicto de que no mais ínfimo pode lampear o significado mais profundo, independente de tradições e sistemas.

Bibliografia

- Adorno, Theodor. *Prismen – Kulturkritik und Gesellschaft*. Frankfurt: Suhrkamp, 1969.
- Adorno, Theodor & Max Horkheimer. *Briefwechsel 1927-1969*. Band II: 1938-1944. Frankfurt: Suhrkamp, 2004.
- Arendt, Hannah. *A Vida do Espírito*. trad. de Antônio Abranches e Cesar Augusto R. de Almeida, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.
- _____. *Rahel Varnhagen: A Vida de uma Judia Alemã na Época do Romantismo*. Trad. de Antônio Trânsito e Gernot Kludasch. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- _____. “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*. trad. de Denise Bootmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. *Origens do Totalitarismo*. Trad. R. Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *Sobre a Revolução*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- _____ & Anders, Günther. *Hannah Arendt/Günther Anders Schreib doch mal hard facts über Dich – Briefe 1939 bis 1975*. München: C. H. Beck, 2016.
- _____ & Benjamin, Walter. *Arendt und Benjamin – Texte, Briefe, Dokumente*. Org. Detlev Schöttker e Erdmut Wizisla. Frankfurt: Suhrkamp, 2006.
- _____ & Blücher, Heinrich. *Within Four Walls*. The Correspondence Between Hannah _____ and Blücher, Heinrich– 1936-1968. Ed. Lotte Kohler. New York: Harcourt, 1996.

⁸⁰ Arendt, “Walter Benjamin (1892-1940)”, *Homens em Tempos Sombrios*, 142.

⁸¹ Löwy, *Walter Benjamin: Aviso de Incêndio*, 130 (Tese XVII).

- Arendt, Hannah & Blumenfeld, Kurt. *Correspondance* – 1933-1963. Paris: Desclée de Brouwer, 2012.
- _____ & Heidegger, Martin. *Letters* – 1925-1975. Ed. Ursula Ludz. New York: Harcourt, 2004.
- _____ & Jaspers, Karl. *Briefwechsel* – 1926-1969. München: Piper, 1993.
- _____ & Scholem, Gershom. *Der Briefwechsel*. Berlin: Suhrkamp, 2010.
- Benjamin, Walter. *Illuminations*. Ed. e Introd. Hannah Arendt. New York: Schocken, 1968.
- _____. *Briefe* – 1910-1940. Frankfurt: Suhrkamp, 1978.
- _____. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.
- Benjamin, Walter & Scholem, Gershom. *The Correspondence of Walter Benjamin and Gershom Scholem* – 1932-1940. New York: Schocken Books, 1989.
- Coelho, Maria Francisca Pinheiro. “Hannah Arendt e Walter Benjamin: Eros da Amizade e Afinidades Eletivas em Tempos Sombrios”, *Revista Sociedade e Estado*, Volume 35, Número 3, Setembro/Dezembro 2020, 917-836.
- Duarte, André. *O Pensamento à Sombra da Ruptura: Política e Filosofia em Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- Schöttker, Detlev e Wizisla, Erdmut. “Hannah Arendt und Walter Benjamin: Konstellationen, Debatten, Vermittlungen” in Arendt, Hannah & Benjamin, Walter. *Arendt und Benjamin – Texte, Briefe, Dokumente*. Org. Detlev Schöttker e Erdmut Wizisla. Frankfurt: Suhrkamp, 2006.
- Scholem, Gershom. *Walter Benjamin: The Story of a Friendship*. Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 1981.
- Young-Bruehl, Elisabeth. *Hannah Arendt: Por Amor ao Mundo*. Trad. Antônio Trânsito. Rev. téc. Eduardo Jardim de Moraes. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.